

ARTIGOS

O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis

Emanuel Ernandes Pereira de Lira¹

Resumo

Este artigo traça um panorama histórico sobre a presença do sagrado na literatura inglesa e sobre o conceito de Deus a partir do ponto de vista judaico-cristão. Aborda também a intertextualidade bíblica e o conceito do divino presente na construção do personagem Aslam, dos eventos e da ambientação usada no enredo de dois livros da série “As crônicas de Nárnia” – *O sobrinho do mago* e *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* –, do autor inglês Clives Staples Lewis.

Palavras-chave

Intertextualidade bíblica; sagrado; Aslam; Nárnia.

Abstract

This article traces a historical panorama about the presence of sacred in English Literature and about the concept of God from the judeo-cristian point of view. It also discusses biblical intertextuality and the concept of divine in the construction of the character Aslan, the events and the space used in the plot of two of the books from the series “The Chronicles of Narnia” – *The Magician’s Nephew* and *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, by the English writer Clives Staples Lewis.

Keywords

Biblical intertextuality; sacred; Aslan; Narnia.

O nascimento de C. S. Lewis no final da era vitoriana

A Inglaterra foi um país que passou por mudanças culturais e políticas significativas durante os séculos XVIII e XIX. Entre o final do século XVIII e o início do século XIX, a aristocracia britânica tinha um estilo de vida invejável para o restante da população, e o acesso à arte era privilégio para poucos. A Igreja, antes ridicularizada por essa classe, passou a aliar-se a políticos e teve um *evangelical revival* causado por um sentimento de filantropia cristã. O fortalecimento da Igreja depois da Revolução Francesa contribuiu para que o cristianismo evangélico se fortalecesse nos anos seguintes em direção à Era Vitoriana. Foi nesse contexto de fortalecimento do cristianismo, da influência da Era Vitoriana e da superioridade intelectual favorecida pela leitura erudita dos britânicos do final do século XIX, que nasceu C. S. Lewis, em 1898.

Na adolescência, influenciado pela turbulência dos acontecimentos em sua vida e também necessitado de uma religião que preenchesse o vazio deixado pela morte de sua mãe, Lewis começou a escrever ficção, ainda que de maneira imatura. Aos 15 anos, antes de começar a escrever profissionalmente, pesquisou temas como a antropomorfologia e a mitologia. Isso pode ser confirmado ao lermos este trecho de Gregersen:

Quando era ainda adolescente, Lewis já escrevia. Seus escritos da época (1905-1913), reunidos postumamente na publicação *Boxen: The Imaginary World of The Young C. S. Lewis* [Encaixotado: O mundo imaginário do jovem

1 Trabalha na Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco, onde desenvolve pesquisa nas áreas de Teoria Literária e Ensino de Língua Inglesa. E-mail: emanuelernandes@gmail.com

C. S. Lewis] (1985), teriam causado vergonha e desgosto ao autor. [...] Aqui encontramos o jovem Lewis experimentando diferentes gêneros literários, explorando sua veia árida, domando e afinando seu talento, mas ainda longe de ser o mestre dos clássicos que produzirá depois. (GREGGERSEN, 2006, p. 12)

Depois de um período turbulento como combatente na Primeira Guerra Mundial, Lewis retornou a Oxford, onde continuou seus estudos. Ideias como as de Lucrecio influenciaram-no, constituindo-se um dos fundamentos mais convincentes para seu ateísmo. No entanto, em 1929, após ler o livro *Ortodoxia*, de Chesterton, embora de forma relutante, Lewis reencontrou-se com Deus e reafirmou sua fé cristã. Posteriormente, participou do grupo de discussão literária The Inklings. O encontro acontecia na própria Universidade de Oxford, todas as quintas-feiras pela manhã, para discutirem ideias sobre literatura e também sobre a inserção de valores cristãos nos textos literários.

Além de sua formação teológica, esses encontros influenciaram-no para iniciar sua obra secular mais famosa. A partir dessa conjuntura, falemos a respeito do conceito do divino na literatura e sobre a dualidade sagrado-profano em “As crônicas de Nárnia”, a mais famosa coletânea de ficção lewisiana.

Breve comentário sobre a influência da dualidade sagrado-profana na literatura

A dualidade entre o sagrado e o profano está presente tanto nos textos de cunho bíblico, como nos textos seculares. Devemos recordar que, de acordo com o ponto de vista cristão, a *Bíblia* foi escrita por homens inspirados por Deus, através de seu Espírito Santo. A humanização da *Bíblia* está ligada ao profano, e é isso o que muitos ateístas alegam, quando perguntados sobre a veracidade da palavra de Deus. É exatamente esse argumento que os não cristãos usam para duvidar da veracidade dos Escritos Sagrados. Por outro lado, no que diz respeito à produção literária secular, se tomarmos Lewis como exemplo, ele, enquanto homem, fundamenta-se em suas próprias experiências e leituras para iniciar sua obra *narniana*. Felinto (2008) explica essa dualidade sagrado-profano na produção literária, ao mencionar o argentino Borges e as ligações entre os dois tipos de texto.

A escritura divina é, portanto, “um espelho de enigmas”, inesgotável, totalmente intencional, para completar, produto de um autor absolutamente anônimo: *o Espírito Santo*. Borges aponta seu entusiasmo com essa noção em vários momentos (cf. V.2). A ideia de que, ao fim e ao cabo, toda a literatura possa ser obra de um autor único e imortal adapta-se com perfeição às concepções e teses literárias do argentino. E Borges também dá o passo seguinte, ao transportar o conceito de literatura sagrada para o domínio literário em geral. [...] Como explica Edna Aizemberg, talvez com excessiva simplicidade, no caso do homem de letras bíblico, é a divindade que lhe oferece a substância de que deve ser feito o livro. No caso do homem de letras argentino, é a literatura, a produção de seus precursores, que “dita” ao homem de Buenos Aires o que deve escrever. (FELINTO, 2008, p. 42, grifo do autor)

A relação entre a antropologia, a religião e o sentimento de preenchimento do *longing* do ser humano pode ser observada, por exemplo, em “The Waste Land”, de T. S. Eliot, no qual Danzinger afirma que Eliot “usa símbolos de religiões primitivas, especialmente os cultos de fertilidade, em seu poema 'The Waste Land', apenas como um meio de assinalar o vazio e a infecundidade espirituais de seu mundo” (DANZINGER; JOHNSON, 1974, p. 200).

A dicotomia entre religião e antropologia permite-nos fazer essa ligação entre o homem e seu relacionamento com sua origem divina, ou seja, podemos chegar à conclusão de que seu relacionamento com um deus de quem ele acredita ter sido criatura influencia em sua formação antropológica. Não estamos falando apenas do Deus Criador, que é pregado pelas religiões judaico-cristãs, mas de forma geral, isto é, de uma entidade que qualquer ser humano pode acreditar ter poderes sobrenaturais sobre ele ou sobre o mundo que o cerca, independente da religião ou do dogma que o indivíduo obedece.

A origem do homem do ponto de vista judaico-cristão e as analogias de “Nárnia” com a *Bíblia*

De acordo com a *Bíblia*, a criação do ser humano à imagem e à semelhança de Deus aconteceu depois que Ele já havia criado todas as coisas. Tanto o homem quanto a mulher ficaram responsáveis pelo Jardim do Éden e receberam a tarefa de povoar a Terra e cuidar dela.

Porém, influenciados pelo diabo, transformado em serpente, ambos desobedeceram ao Criador e sofreram severas punições. Mas, mesmo assim, o Onipotente decidiu enviar o Salvador em forma de homem para refazer a relação de comunhão que existia entre o ser humano e Deus no Éden. É no capítulo 3 do livro bíblico de Gênesis que encontramos a descrição a respeito da queda do homem.

Inspirado nesses fatos bíblicos, Lewis criou os termos *Filho de Adão* e *Filha de Eva* para ilustrar sua obra. O homem e a mulher foram as criações mais importantes nos seis dias em que Deus iniciou a vida na Terra. Diante da explicação do parágrafo anterior, podem-se associar à *Bíblia* vários elementos presentes nas tramas narnianas. Neles, a relação mais evidente com o livro sagrado acontece quando Lewis chama os personagens humanos que visitam Nárnia de *Filhos de Adão* e *Filhas de Eva*. Dessa forma, é claro para o leitor que as crianças, nos dois livros, são a representação bíblica do homem e da mulher. É interessante o fato de, logo após a queda do homem, Deus ter dito que poria inimizade entre a mulher e a serpente, pois a semente da mulher feriria a cabeça da serpente, e esta lhe feriria o calcanhar (Gênesis 3:15). O Criador referia-se ao fato de que a mulher seria responsável por trazer ao mundo o homem que libertaria o ser humano do pecado; uma implícita referência bíblica ao Messias, o Cristo.

Nas “Crônicas”, essa ilustração ocorre no livro *O sobrinho do mago*, que descreve a criação da terra de Nárnia. Nele, são abordadas questões como o tema do pecado, da tentação (ou queda) e da promessa de um salvador (o leão Aslam) para libertação daquele lugar. Nesse livro podemos verificar a afirmação de Lewis a respeito do martírio de Cristo e a promessa de libertação feita por Aslam, quando o Felino diz que cuidará para que o pior recaia sobre ele. Como sabemos, Aslam se sacrificará e ressuscitará por Edmundo, em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, cumprindo a promessa feita durante a criação de Nárnia.

A questão da queda ou da tentação é abordada por Lewis quando o personagem Edmundo cede às suas vontades próprias, ao deliciar-se com uma sobremesa. A prisão do garoto era necessária para que Jadis, arquétipo que representa o diabo no último livro citado, descobrisse quem eram os outros *Filhos de Adão e Eva*, para tentar matá-los, impedindo-os de serem reis e rainhas de Nárnia. É aí que entra o leão Aslam, para salvar o menino, morrer por ele e ressuscitar, a fim de

acabar com o reinado da Feiticeira. Lewis usa a teodiceia, por meio da figura do leão, para dar o desfecho de que a história necessita. Enquanto o Adão e a Eva bíblicos sofreram consequências por conta de seu pecado, a *separação* de Deus, os personagens da trama estabelecem uma relação de forte *ligação* afetiva com Aslam.

Sobre a criação do personagem principal, no versículo bíblico que se encontra em Apocalipse 5:5 está uma das analogias feitas pelo escritor-teólogo a respeito da figura do leão. João Batista escreveu: “E disse-me um dos anciãos: ‘Não chores; eis que o Leão da Tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos’”. Lewis usa esse versículo para criar seu personagem principal. Reuter diz que, “se quisermos refinar a análise das personagens numa narrativa, é preciso levar em conta seus diferentes componentes (seu *fazer* e seu *ser*) e utilizar critérios que permitam mostrar em que as personagens se distinguem e se hierarquizam” (REUTER, 1996, p. 57). Aslam é a representação do salvador da terra fantástica, aquele que tem maior poder; por isso, o Felino exerce uma relação hierárquica sobre todos os outros personagens da trama. Ademais, Aslam possui muitas das características psicológicas do Filho de Deus: é calmo, compassivo e justo; não mede esforços para ajudar aqueles que o buscam. Tampouco barganha. São traços do caráter de Cristo.

Alegorias com a figura de Cristo e Aslam

As qualidades do Deus judaico-cristão são usadas por Lewis para compor algumas alegorias dentro das “Crônicas”; essas figuras apresentam Aslam como *terrível e bom* ao mesmo tempo. A imagem de *awesomeness* que caracteriza o Leão e a forma como ele é descrito pelo eu lírico apenas confirmam a assertiva anterior.

– Perigoso? – disse o sr. Castor. – Então não ouviu o que a sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é REI, disse e repito. (LEWIS, 2002a, p. 99)

Apesar de o próprio escritor dizer que o fato de o leão ter as qualidades de Jesus não fora intencional, sua declaração é, no mínimo,

questionável. Por mais que Lewis se esquive, para aqueles leitores que conseguem ler o que está na margem, é quase impossível não comparar Aslam com Cristo.

A questão da salvação que Lewis aborda em “Nárnia” remete-nos aos primórdios das primeiras religiões e seitas, especialmente na época do apogeu do Império Romano, quando o cristianismo incipiente se fortalecia. A salvação por meio do conhecimento espiritual é definida por Felinto como *gnose*.

A título de definição preliminar, pode-se dizer que o gnosticismo constituía um sistema de elementos mágico-mítico, composto de elementos esotéricos e filosóficos, cujo objetivo básico era libertar o homem das estruturas cósmicas que o mantêm aprisionado ao imperfeito mundo sub-lunar. [...] Os gnósticos desenvolveram, assim, um sentido de propósito e destino para a existência do indivíduo. “Esse destino era o de retornar para casa junto a Deus, o de pertença eterna. E, desse modo, a *gnose* era um conhecimento, não apenas de Deus, mas também do ego (*self*).” De fato, em sua versão moderna – que nem sempre implica a presença de elementos autenticamente religiosos – a *gnose* é antes de tudo uma doutrina da afirmação do sujeito que se “autoconhece”. (FELINTO, 2008, p. 49)

O autor C. S. Lewis usa o *gnosticismo* dentro de sua trama, de forma a fazer o homem refletir sobre sua condição como ser humano, em oposição à sua salvação espiritual. Aslam doa-se em favor de um inocente; desse modo, o escritor transmite em sua obra a ideia de que o homem foi comprado pelo martírio do Deus Filho, ocorrendo, por meio Dele, a religação entre o homem e Deus Pai, antes destruída no Éden. Lewis também usa como título do capítulo catorze do livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, o termo “a última ceia”, uma clara referência a um dos últimos momentos do Salvador. O autor descreve o sentimento do personagem principal antes de cumprir o acordo com a Feiticeira: conflito interno e sensação de impotência. Nesse momento, Susana e Lúcia acompanham Aslam até a Mesa de Pedra, local onde ele se entrega. Nessa instância, mais uma vez, Lewis faz uma analogia com o Calvário de Jesus. A fim de cumprir o acordo com Jadis para salvar Edmundo, Aslam vai à Mesa de Pedra, resignado e silente. A Feiticeira manda que o amarrem, e ele tem a juba tosquiada. Aslam

permanece inabalável, apesar da insegurança que experimenta por saber que morrerá e será humilhado.

– Amordacem-no! – gritou a feiticeira. Mesmo agora, quando lhe punham a focinheira, uma dentada dele bastaria para decepar, pelo menos, as mãos de dois ou três. Ao vê-lo amordaçado e amarrado, os mais covardes ganharam ânimo. Por instantes, as meninas nem sequer conseguiram vê-lo, rodeado que estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspiam-lhe em cima, insultava-o. (LEWIS, 2002a, p. 121-2)

Lewis usa essa descrição em “Nárnia” para fazer uma referência ao versículo 7 do capítulo 53 do livro de Isaías, o qual fala que Cristo “foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, e como a ovelha que é muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a boca.”. A *Bíblia* afirma que, nesse momento, ao ser interrogado, Jesus não falou nada, e, resignado, aceitou seu destino. Em “Nárnia”, Aslam foi levado até a Mesa de Pedra no momento em que decidiu se entregar por Edmundo. A quebra da Mesa de Pedra tem a mesma significação da quebra de barreiras entre Deus e o homem, pois, no momento em que Aslam ressurgiu após a morte, a mesa se parte ao meio. O lugar da Mesa de Pedra pode ser interpretado também como o véu do templo, que se rasgou na sinagoga quando Jesus morreu. Após a leitura da passagem em Isaías, vê-se que todos os detalhes sobre o sofrimento e a morte de Cristo são semelhantes à descrição do martírio do leão Aslam e à representação de Cristo como Cordeiro de Deus.

Lewis não foi o primeiro a inserir mitos divinos na literatura. Viziolli (1992) diz que as primeiras representações do divino ou sagrado na literatura inglesa e as manifestações literárias com esse cunho não se encontram em inglês, mas em latim. De acordo com ele, essas manifestações estavam “consubstanciando-se na prosa de caráter religioso que floresceu em decorrência da implantação do cristianismo no país e da criação dos mosteiros, os primeiros centros de cultura” (ibidem, p. 9). Por isso, era comum nas primeiras obras literárias a semelhança com fatos relacionados à *Bíblia* e à fé cristã, pois “boa parte dessa poesia era constituída por longas paráfrases dos livros da *Bíblia*, elaboradas com o propósito de levar o povo à religião” (ibidem, p. 9-10).

Assim como em Bewoulf, Lewis cita elementos bíblicos para compor sua história, o que a deixa com um teor tendencioso. O leitor percebe claramente que o autor intenta fazer alegorias com a *Bíblia* ou com a figura de Cristo, e também com sua crença na salvação do ponto de vista bíblico e espiritual. Essa intenção mancha o processo criativo da história pelas frequentes analogias à *Bíblia* e por sua obsessão em mostrar fatos que ligam “Nárnia” à palavra de Deus e ao teocentrismo e gnosticismo. Mesmo assim, a criatividade do autor na composição da obra é inegável.

Apesar de apresentar fácil leitura e interpretação, “As crônicas de Nárnia” traem a muitos com sua mensagem. Algumas pessoas as leem e não percebem nada tendencioso em seu conteúdo. Simplesmente pelo fato de ser considerado infantil, o teor dos textos é menosprezado por alguns. Mesmo sendo classificados pelo grande público e pela crítica como literatura infantil, vale ressaltar que há uma tendência natural das pessoas em classificar dessa maneira qualquer obra que use elementos relacionados à fantasia. Porém, é preciso ter cuidado ao chamar esta ou aquela obra de *infantil*, pois essa é uma designação ambígua. Segundo o próprio Lewis:

Em primeiro lugar, a associação entre fantasia (incluindo *Märchen*) e infância, isto é, a crença de que as crianças são os leitores adequados a esse tipo de obra ou de que se trata de leitura apropriada para crianças, é moderna e localizada. A maior parte das grandes fantasias e grandes contos de fadas não era necessariamente dirigida às crianças, mas a qualquer um. [...] Em segundo lugar, se vamos usar os termos *pueril* ou *infantil*, em sentido pejorativo, precisamos estar seguros de que eles se referem apenas àquelas características da infância cuja superação, à medida que crescemos, nos torna melhores e mais felizes. (LEWIS, 2009, p. 63-4)

Assim, quando usarmos o termo *infantil* para designar uma obra, devemos ter cautela para que não pareçamos pejorativos, isto é, para que não subestimemos seu conteúdo simplesmente porque esse tipo de produção literária usa fantasia e geralmente possui uma linguagem mais fácil, destinada a leitores mais desatentos e que buscam uma leitura mais fácil de digerir.

Quanto à questão teocêntrica e bíblica presente na obra estudada, os elementos de fantasia utilizados pelo autor na elaboração da narrativa das “Crônicas” mesclam-se com os acontecimentos sobrenaturais da criação do ser humano do ponto de vista criacionista.

Para os cristãos, a *Bíblia* ajuda-os a entender a vontade de Deus para suas vidas e a buscar, por meio da figura de Cristo, um abrigo e um socorro para suas aflições. E Lewis, por meio de sua obra literária e teológica, instiga o ser humano a refletir sobre a origem das coisas e sobre o mundo que o cerca, bem como a buscar uma solução para os conflitos espirituais e os problemas diários. A despeito de sua religiosidade, Lewis usa a fantasia que vive o leitor ao fazer sua *viagem* a Nárnia e incita-o a ter curiosidade sobre quem é a figura que representa o personagem da ficção no mundo real. Quando o leitor descobre a figura de Cristo na obra como um todo, Lewis cumpre seu papel de pregar o Evangelho e, sutilmente, faz que seu leitor entenda as qualidades de Jesus transmitidas pelo arquétipo de Aslam.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994. Gênesis, cap. 3, vers. 1-7; 28-32.
- DANZINGER, M. K.W.; JOHNSON, S. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- FELINTO, E. *Silêncio de Deus, silêncio dos homens: Babel e a sobrevivência do sagrado na literatura moderna*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- FRYE, N. *Anatomy of Criticism*. Prefácio de Harold Bloom. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- GREGGERSEN, G. (Org.). *O evangelho de Nárnia: ensaios para decifrar C. S. Lewis*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- LEWIS, C. S. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002a. (As crônicas de Nárnia)
- _____. *O sobrinho do mago*. São Paulo: Martins Fontes, 2002b. (As crônicas de Nárnia)
- _____. *Um experimento na crítica literária*. São Paulo: Unesp, 2009.
- REUTER, Y. *Introdução à análise do romance*. Tradução Angela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIZIOLI, P. *A literatura inglesa medieval*. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

Recebido em 1^o outubro de 2010 e aceito em 1^o de abril de 2011.